

# Summers insiste na aprovação das reformas

*Subsecretário do Tesouro falou sobre o que o governo dos EUA espera do FMI em futuras crises*

MONICA YANAKIEW  
Correspondente

**W**ASHINGTON – A delicada situação do Brasil foi discutida ontem na Casa Branca e no Senado norte-americano. À tarde, o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, reuniu-se com o secretário do Tesouro, Robert Rubin, para avaliar a crise, desencadeada pela desvalorização do real há duas semanas. No mesmo dia, o subsecretário do Tesouro, Lawrence Summers, reafirmou o apoio dos EUA e da comunidade internacional ao Brasil, sempre e quando o governo adotar o seu programa de ajuste fiscal. Mas recusou-se a dizer se acha provável que o Fundo Monetário Internacional libere a segunda parcela do pacote de ajuda financeira US\$ 41,5 bilhões.

Summers falou sobre o Brasil no Subcomitê de Relações Externas do Senado, onde explicou que ações o governo espera do FMI em futuras crises internacionais. Para ele, a crise desencadeada pela desvalorização do real, há duas semanas, tem especial importância.

No ano passado, o executivo norte-americano se empenhou em convencer o Congresso a aprovar uma contribuição adicional de US\$ 18 bilhões ao FMI – uma organização cuja credibilidade e eficácia muitos parlamentares questionaram, depois que estorou a crise financeira na Ásia e na Rússia. Hoje, o Brasil representa um novo teste para o Fundo e, de certa forma, para Summers.

Foi o Tesouro americano que saiu à frente para apoiar o Brasil,



*Summers: dolarização da economia proposta pela Argentina não representa uma solução para os problemas do país*

Reuters

## FUNDO VAI DECIDIR LOGO SE LIBERA A 2.ª PARCELA

alegando que o mundo não podia deixar a crise atingir também a América Latina. E o governo dos EUA acabou sendo o principal responsável pela montagem do pacote de US\$ 41,5

bilhões, do qual participaram outros 19 países ricos, o FMI, o Banco Mundial (Bird), o Banco Interamericano de Desenvolvimento.

“Os Estados Unidos, com a comunidade internacional, continuam preparados a apoiar o Brasil, enquanto o País leva adiante seu programa (de ajuste fiscal)”, disse Summers.

“O essencial para o Brasil e outros países em circunstâncias difíceis é a adoção de fortes políticas (fiscais e monetárias)”, acrescentou. Mas comentou qual será a avaliação do FMI sobre o cumprimento do ajuste fiscal brasileiro. Nas próximas semanas, uma equipe negociadora do Fundo estará em Brasília para decidir se o

País terá direito à segunda parcela de US\$ 9 bilhões de ajuda financeira, cuja liberação estava prevista para fevereiro. São US\$ 4,5 bilhões do FMI e outros US\$ 4,5 bilhões do Banco Internacional de Compensações (o BIS, o banco central dos bancos centrais), que gerencia os recursos dados pelos 20 países ricos.

Perante os senadores, Summers defendeu o FMI, que considera ser uma instituição “indispensável”. Ele argumentou que sem o Fundo e os pacotes de ajuda à Coreia do Sul, Tailândia, Indonésia, Rússia e agora ao Brasil, o custo das crises e o impacto sobre a economia americana teriam sido maiores. Mas defendeu a reforma do FMI.

Summers também falou sobre a Argentina e sua proposta de substituir o peso pelo dólar, para se fortalecer diante da crise brasileira e seus efeitos sobre a região. Os argenti-

nos argumentam que, apesar de terem uma economia estável e uma moeda que vale exatamente o mesmo que a americana, são obrigados a pagar taxas de juros mais altas, por causa da desconfiança dos investidores nos mercados emergentes – especialmente num mercado tão dependente do brasileiro.

Segundo Summers, a dolarização da economia argentina “não representa uma solução” para os problemas do país, nem pode ser concretizada a curto prazo. A crise brasileira e seus efeitos na região também foram assunto em Nova York ontem.

A Standart & Poor's, agência que avalia o risco de investimen-

tos, divulgou nota afirmando que considera pouco provável a decretação da moratória interna no Brasil. A nota serviu para acalmar o mercado, que há dias operava com essa expectativa.

## EQUIPE DO FUNDO CHEGA A BRASÍLIA NA SEGUNDA